



LUSOFONIA

Tempo de Reciprocidades

4 a 9 de Agosto de 2008
Universidade da Madeira

Helena Rebelo
(Coordenação)



 Edições
Afrontamento

ACTAS
VOLUME I

LUSOFONIA TEMPO DE RECIPROCIDADES

Volume I

ACTAS

IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas
Madeira, 4 a 9 de Agosto de 2008

Helena Rebelo
(Coordenação)

 Edições
Afrontamento

2011

LUSOFONIA

TEMPO DE RECIPROCIDADES

Volume I

Helena Rebelo
(Coordenação)

Seleção e Organização

LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos

LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento

CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

VOLUME I

LINGUÍSTICA

Língua portuguesa: migrações e trânsito

Uma língua, várias culturas: transposições e localizações

LITERATURA

Cartografias das diferenças

Ilhas e continentes: reciprocidades

Varia

Lusofonia: Tempo de Reciprocidades
Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas

Coordenação

Helena Rebelo

© 2011, Autores e Edições Afrontamento

Edição

Edições Afrontamento

Rua Costa Cabral, 859 | 4200 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Seleção e Organização

Volume I

LINGUÍSTICA: Helena Rebelo, Thierry Proença dos Santos

LITERATURA: Ana Isabel Moniz, Fernando Figueiredo, Maria Teresa Nascimento

Volume II

CULTURA: Ana Margarida Falcão, Leonor Coelho, Paulo Miguel Rodrigues

Patrocínios e apoios

Universidade da Madeira, Associação Internacional de Lusitanistas,

Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal 500 Anos, E. E. M.,

Fundação para a Ciência e Tecnologia (Programa FACC), Instituto de Camões.

Design

Mais Dicas Design – Projecção e Execução, Lda.

Estrada do Portinho, 94 | 9125-110 Caniço

Tel. e Fax: 291 600 850

E-mail: design@maisdicas.com

Colecção

Textos, 88

Edição n.º 1359

ISBN

978-972-36-1150-2

Depósito Legal:

323708/11

Impressão e Acabamento

Rainho & Neves, Lda

Santa Maria da Feira

geral@rainhoneves.pt

Volume I

1000 exemplares

Este livro compila algumas das comunicações apresentadas no IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, realizado na Universidade da Madeira, em Agosto de 2008. Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, especialistas em Língua Portuguesa.

Março de 2011

Associação Internacional de Lusitanistas
www.lusitanistasail.net

DIRECÇÃO
2005-2008

Presidência

Regina Zilberman

Vice-presidência – Carlos Reis

Vice-presidência – Elias Torres Feijo

Secretaria e tesouraria – Maria da Glória Bordini

Vogais

Ana Mafalda Leite

Benjamin Abdala Junior

Cristina Robalo Cordeiro

Ettore Finazzi Agró

Fátima Ribeiro

Helena Rebelo

Maria del Carmen Villarino Prado

Sebastião Tavares de Pinho

Rolf Nagel

Teresa Cristina Cerdeira da Silva

Conselho Fiscal

Laura Cavalcanti Padilha

M. Fátima Brauer-Figueiredo

Thomas Earle

Presidentes Honorários

Cleonice Berardinelli

Helder Macedo

ORGANIZAÇÃO

IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas

Funchal e Universidade da Madeira, de 4 a 9 de Agosto de 2008

Oradores Convidados

Sessão de Abertura: Tolentino Mendonça
Sessão de Encerramento: Isabel Pires de Lima

Comissão de Honra

Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, José Mariano Gago
Ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro
Reitor da Universidade da Madeira, Pedro Telhado Pereira
Representante da República, Antero Alves Monteiro Diniz
Presidente da Assembleia Legislativa Regional, José Miguel Mendonça
Presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim
Presidente da Câmara do Funchal, Miguel Albuquerque
Comandante da Zona Militar da Madeira, João Miguel Castro Rosas Leitão
Bispo da Diocese do Funchal, António Carrilho
500 Anos do Funchal, Pedro Calado
Presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, Regina Zilberman

Direcção

Helena Rebelo (coord.)
Fernando Figueiredo
Thierry Proença dos Santos

Comissão Científica

Ana Isabel Moniz
Ana Margarida Falcão
Helena Rebelo
Maria Teresa Nascimento
Paulo Miguel Rodrigues

Comissão Executiva

Helena Rebelo
Leonor Coelho
Fernando Figueiredo

Comissão Financeira

Thierry Proença dos Santos
Paulo Miguel Rodrigues
Carla Cró

A variação na variedade regional madeirense

Aplicação de um teste perceptivo

Helena Rebelo

Universidade da Madeira

Palavras-chave: Dialectologia, Arquipélago da Madeira, teste perceptivo, Português, variação
Resumo: Haverá um falar único regional ou teremos de considerar vários? Que características marcarão o(s) falar(es)? Quais as que distinguirão pontos geográficos regionais? Os madeirenses, na generalidade, explicam que é fácil reconhecer, pelo discurso, um habitante de qualquer parte do arquipélago. Consideram, intuitivamente, haver variação dialectal significativa. Numa tentativa de comprovar o facto, um teste perceptivo foi aplicado a estudantes universitários. O principal objectivo era o de identificar a proveniência geográfica de falantes de diversos pontos da Madeira apenas pela audição de gravações.

1. Preparação do teste perceptivo

O interesse que nutro pelo Português falado na Região Autónoma da Madeira (RAM) tem vindo progressivamente a intensificar-se (REBELO, 2000-2005-2006) e aumentou ainda mais desde o estudo do sistema vocálico do português falado no Porto Santo (REBELO, 2005). Foi, em parte, por isso que nasceu a ideia de aplicar um teste perceptivo a estudantes universitários. Quando pensava que a unidade linguística regional seria bastante consistente, comecei a ouvir dizer, com frequência, a falantes nativos, e especialmente a alunos com quem trabalhava, que lhes seria fácil reconhecer habitantes de determinadas zonas da RAM, exclusivamente pelas características do discurso. Quis, então, comprovar esta tendência através de um teste perceptivo, juntando informantes provenientes de diversos pontos regionais. Reforcei esta vontade, ao compreender que poderia haver uma evolução no pensamento de Luís Filipe Lindley Cintra. Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, pareceu defender a existência de uma unidade linguística para a ilha da Madeira¹ e, posteriormente, num dos últimos textos que escreveu, intitulado “Os Dialectos da Ilha da Madeira no Quadro [Geral] dos Dialectos Galego-Portugueses”², preferiu destacar a variação em detrimento da unidade linguística³.

¹ Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, não há qualquer referência a Porto Santo, embora o linguista tenha, inicialmente, considerado o arquipélago na sua globalidade (“Os dialectos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira”). Acaba, contudo, por se referir exclusivamente à ilha maior (“Quanto à ilha da Madeira”).

² Por ser mais prático, recorro, aqui, ao texto transcrito por José Eduardo Franco. Com parênteses rectos, adiciono os dados do manuscrito que foram suprimidos ou alterados na transcrição, onde observo alguns problemas. Sempre que indispensável, verifico as informações no manuscrito. Consulto, também, o artigo “Os “dialectos madeirenses” e a História da Língua Portuguesa” (NUNES:1998), que retoma a leitura do texto manuscrito de Lindley Cintra. É preciso deixar claro que a cópia do manuscrito que circula nem sempre é nítida e a notação de Lindley Cintra para os traços fonéticos não é feita nem com parênteses rectos [], a indicar símbolos fonéticos, nem com as marcas convencionais para anotar a ortografia < >. Estes factos dificultam, por vezes, o reconhecimento dos símbolos que Lindley Cintra empregou.

³ Ver o texto de Lindley Cintra (cf. FRANCO, 2008: 99-100):

Antes de mais nada, insisto neste plural: *dialectos madeirenses, grupo de dialectos madeirenses* e não *dialecto madeirense* (no singular), como se vem habitualmente dizendo desde Leite de Vasconcelos na sua *Esquisse d'une Dialectologie* de 1901.

Foram identificados por Lindley Cintra, na referida gramática, mais precisamente no capítulo 2, cuja autoria lhe é atribuída, três traços caracterizadores do Português falado na Madeira: a ditongação de [u] tónico, a ditongação de [i] tónico e a palatalização de [l], quando a consoante é antecedida de [i]. Se é certo que, na Gramática, menciona o plural “os seus dialectos”, não é menos certo que apenas se interessou pelos traços unificadores. No texto ulterior, baseando-se nas fontes que conhecia, o reputado linguista considerou haver “um grande número” de traços “que só se observam numa área limitada”. Referiu os traços gerais evidenciados na Gramática, mas com restrições⁴. Para os “que abranjam a quase totalidade dos falantes da ilha”, destacou os seguintes traços: 1- ditongação de [i] tónico, mas “raramente se verifica nas populações do Sul”; 2- timbre particular do [u] tónico com, para alguns autores, ditongação, que também não se verificará em toda a ilha da Madeira; 3- palatalização de [l], quando segue [i] – “Possivelmente é este o único fenómeno que caracteriza efectivamente todos os falares da ilha”; 4- evolução de <-s> medial ou final⁵ para <i>, traço que “parece poder ser considerado geral” (FRANCO, 2008: 100-101). Além destes, enumera alguns dos muitos que pensa haver e que caracterizam apenas áreas específicas, como: 1- aparecimento da semivogal anterior [j], junto de consoante inicial e a preceder a vogal acentuada, 2- ditongação da vogal <o> antes de <a>, 3- emprego das vogais paragógicas <a> e <e>, 4- substituição de [u] final por <e> (cf. abaixo a nota de rodapé relativa ao assunto), 5- queda de -g-, intervocálico, 6- evolução de [v]>[b], 7- em posição final, <ou> surge como <ua> e, em posição medial, como <oi>. Apesar de haver algumas indicações dos pontos geográficos onde os fenómenos ocorrem, não há, claramente, nenhuma referência a áreas lexicais. Resta saber se é possível considerar que a variação linguística mencionada por Lindley Cintra corresponde, ainda hoje, a uma realidade. As investigações, para responder a questões que se prendem com estas perspectivas, têm de prosseguir. A aplicação do teste perceptivo é apenas um estudo que vai nesse sentido. Sendo assim, a questão da existência de variedade interna, no Arquipélago da Madeira, mais propriamente, na ilha maior, levou, em última análise, a este trabalho.

Em 2006, decorreu a recolha do material para o teste, tendo sido empreendida por estudantes universitários da disciplina de Património Linguístico Madeirense, de 3º ano, do curso de Ciências da Cultura do plano de estudos de 2004-2008. Numa das abordagens teóricas sobre o caso particular da ilha da Madeira, houve uma tentativa para dividir, em áreas dialectais, a ilha, com base nos dados de que os estudantes dispunham. Quando lhes foi colocada a questão se haveria áreas dialectais na Madeira, procuraram dizer quantas seriam. Foi impossível obter uma resposta unânime porque, para os estudantes, cada localidade, sede de concelho, podia constituir uma área. Devido à multiplicidade de propostas, o resultado final não foi pertinente, mas serviu à sensibilização linguística e para a introdução das propostas dialectais

Na realidade a consulta dos materiais disponíveis provam à saciedade que não existe uma unidade linguística a que possamos chamar correctamente *Dialecto da Madeira*, designação que tem como fundamento (como tantas outras designações usadas para falares continentais) a geografia (ou a geopolítica) e não a realidade linguística. O que encontramos na ilha da Madeira, como logo de início disse, é um complexo conjunto de dialectos de um modo ou de outro distintos e por vezes muito divergentes entre si.

Não quer dizer que não haja alguns caracteres fonéticos que abranjam a quase totalidade dos falantes da ilha. Mas esses mesmos não parecem estender-se a toda ela.

⁴ Os sublinhados foram acrescentados.

⁵ Cf., para este e outros fenómenos, Maria Luísa Segura da Cruz e João Saramago (1999).

de Lindley Cintra e Paiva Boléo relativamente ao território continental. Acabaram por compreender a importância de estudar a própria realidade linguística regional, sujeita a ideias feitas, mas uma óptima base de análise científica. Foi, desde então, proposto um trabalho de campo para recolhas de materiais áudio. Poderiam efectuar as gravações em toda a região e deveriam, sempre que possível, ter a mesma temática, isto é, ser sobre a matança do porco⁶. O facto de haver um tema comum permitiria uma análise mais detalhada dos dados e a possibilidade de verificar diferenças, se as houvesse. Do conjunto dos materiais conseguidos, com uma qualidade sonora aceitável porque perceptível, foram seleccionadas onze gravações (cf. tabela 1). Para a identificação de cada uma, foram atribuídas, aos informantes, as siglas IF e IM, equivalendo, respectivamente, a informante feminino e masculino. Foi acrescentado o número da ordem aleatória que passaram a ter, como, por exemplo, 1-IF. Deste conjunto, apenas um informante é do sexo masculino (9-IM). As idades indicadas são as facultadas, aquando da entrevista, isto é, as que os informantes tinham ou teriam até Dezembro de 2006. Uma vez que alguns deles moravam, nesse ano, numa localidade diferente da do nascimento, são mencionadas as duas e, entre parênteses, a mais recente. Todos os informantes têm idades compreendidas entre os 62 e 75 anos. Quanto à escolaridade, a maioria possui a elementar (3ª classe ou 4ª classe). Houve, porém, quem nunca frequentasse uma escola (9-IM e 11-IF). Neste último grupo, inclui-se, igualmente, 10-IF, por só ter frequentado aulas particulares durante três meses. No que se refere às localidades de origem, as de nascimento, onde viveram muitos anos, é possível, geograficamente, sendo todos da ilha da Madeira, reagrupar os informantes por três grandes zonas: **Funchal** (1-IF, 5-IF, 7-IF, 8-IF e 11-IF), **Este do Funchal** (2-IF, 3-IF, 9-IM e 10-IF) e **Oeste do Funchal** (4-IF e 6-IF). Os informantes são caracteristicamente nativos, conhecendo, na perfeição, a actividade que descrevem por a terem vivenciado, quer falem ou não da matança do porco.

Nº	Sexo	Idade	Local de nascimento – (Residência)	Escolaridade
1	IF	68 anos	Funchal – Monte (Funchal – São Pedro)	4ª classe
2	IF	62 anos	Santana – Fonte da Pedra	3ª classe
3	IF	70 anos	Machico (Funchal – Monte)	4ª classe
4	IF	63 anos	Campanário	4ª classe de adultos
5	IF	73 anos	Funchal – Santa Maria Maior (Funchal – Santa Luzia)	4ª classe
6	IF	64 anos	Ribeira Brava – Serra de Água	4ª classe
7	IF	74 anos	Funchal – Santa Luzia	4ª classe
8	IF	73 anos	Funchal – Monte	3ª classe de adultos
9	IM	72 anos	Machico (Funchal – num lar)	nunca foi à escola
10	IF	75 anos	Santana – Faial	aulas durante 3 meses
11	IF	74 anos	Funchal – São Roque (Funchal – Santo António)	nunca foi à escola

Tabela 1. Identificação das 11 gravações seleccionadas e dos respectivos informantes

⁶ Fica expresso um agradecimento aos alunos de Património Linguístico Madeirense, que efectuaram gravações na região, especialmente àqueles a quem pertence o material de base do teste perceptivo aplicado (1- Ana Rita Gouveia, 2- Carina Silva, 3- Ângela Catanho, 4- Marisa Mendes, 5- Clara Freitas, 6- Orlanda Silva 7- Pedro Henrique, 8- Maria Rosa Lopes, 9- Maria do Carmo Freitas, 10- Marlene Laranja e 11- Lénia Serrão). Estes, que podemos designar por GRUPO 1, foram os colectores e distinguem-se dos que constituem o GRUPO 2, os submetidos ao teste.

Dos materiais sonoros recolhidos, foram seleccionados excertos com traços regionais. A duração dos ficheiros variou propositalmente. Estando todos em formato WAV, o tempo total contabilizado pelo programa GolWave em minutos e segundos é, respectivamente por ficheiro, de: 1-IF 4:50/ 2-IF 2:07/ 3-IF 1:32/ 4-IF 0:49/ 5-IF 3:08/ 6-IF 1:30/ 7-IF 2:01/ 8-IF 3:42/ 9-IM 6:35/ 10-IF 1:47 e 11-IF 3:29. Os segmentos que continham referências explícitas a pontos geográficos concretos foram apagados, nomeadamente Funchal ou do Faial, não permitindo uma identificação imediata da proveniência. Assim, os ficheiros ficaram sem menção explícita relativa à sua localização. Além disso, no teste perceptivo, só valeria o material sonoro por si só, não sendo facultada qualquer informação relativa aos informantes. Ao ouvir as gravações, encontrei marcas que as identificam como sendo madeirenses, sobretudo o vocabulário (*semilha, espetadinha, levada, marchante, fazenda*), algumas expressões próprias (*meio dia de tempo, carne de vinho e alhos, para a matina, deitar trovas, a morte do porco, dia do O*), a pronúncia, caracterizada por alguns fenómenos linguísticos, que marcam também a linguagem popular (*comuer/ /comer – ditongação, pexe/peixe – monotongação, potas/patas – timbres vocálicos particulares*), entre outros aspectos.

Uma vez preparados os ficheiros sonoros, concebeu-se um questionário que pudesse acompanhar o teste perceptivo e registar todas as informações que, durante ou após a audição dos ficheiros, viessem a ser consideradas pertinentes pelos estudantes universitários submetidos ao teste. Com este questionário, tratar-se-ia de avaliar a opinião individual de universitários da área das Humanidades, sobre o Português da RAM, a sua própria forma de falar e a dos seus conterrâneos.

2. Aplicação do teste

No ano seguinte ao da preparação dos materiais sonoros, em Dezembro de 2007, foi aplicado o teste a alunos diferentes dos da recolha (grupo 1: alunos colectores/ grupo 2: alunos que foram submetidos ao teste perceptivo, universitários do 1º ano e inscritos na disciplina de Formação Cívica, Cultural, Social e Ética – Desvio ou Erro. Problemas na Escrita da Língua Portuguesa). Havia, no grupo 2, alunos de diversas áreas, mas a maioria era do 1º ano da mesma licenciatura do grupo 1 – Ciências da Cultura. O teste decorreu durante uma aula, onde eram abordadas as diferenças substanciais entre a oralidade e a escrita, focando problemas que, habitualmente, surgem na escrita da Língua Portuguesa. Esta disciplina tinha duas turmas, A e B. Na sessão da aplicação do teste, a turma A era constituída por 22 estudantes e, maioritariamente, por jovens. A outra turma, formada, sobretudo, por adultos, tinha 31 presentes. Por não haver, em termos práticos, meios e instrumentos para a aplicação isolada do teste, este teria de ter lugar em simultâneo. A fim de permitir testar o maior número possível, no menor espaço de tempo e sem, como referido, grandes meios técnicos, a aplicação foi efectuada, individual e concomitantemente. No total, foram conseguidos 50 testes válidos, já que se excluíram os que não tiveram nenhuma resposta: 2 na turma A e 1 na turma B. Estes pertenciam a estudantes que não eram madeirenses.

Antes de distribuir a ficha com o teste e o questionário, os objectivos do trabalho foram explicados e todos os intervenientes consentiram participar no exercício. As fichas teriam de ser nominais, sendo facilmente identificáveis, razão pela qual se soube, depois de aplicado o teste, os que foram excluídos. A metodologia adoptada foi descrita. Foi exigido silêncio e explicado que não se responderia a

nenhuma questão relativa às gravações a partir daquele momento. Distribuída a ficha e lida, conjuntamente, passou-se à audição dos ficheiros não identificados, com pausas entre eles e a possibilidade de repetição, tantas vezes quanto alguém o desejasse. Foram dados a ouvir a partir de um computador portátil com colunas. No fim de cada audição e da sua repetição, quando solicitada por alguém, era dado tempo suficiente para o preenchimento parcial da tabela facultada (cf. tabela 2), consoante a localidade de onde pensavam ser proveniente o informante que tinham ouvido. Terminado o teste perceptivo, que implicava apenas preencher, com cruces, as onze colunas da referida tabela, foi dado tempo para o registo de notas no espaço do questionário reservado a esse efeito. As respostas obtidas, tanto no teste perceptivo, como no questionário, analisam-se de seguida.

3. Resultados do teste perceptivo e análise dos questionários

As alíneas 1, 1.1 e 1.2 da ficha (**1-Ouçã, com atenção, os onze ficheiros sonoros. 1.1- Assinale com uma cruz a localidade do Arquipélago da Madeira de onde pensa que será o informante. 1.2-Outra. Qual?**) correspondem, incluindo a 7, ao teste perceptivo e as restantes (2-6,8-9) ao questionário, distinguindo-se, portanto, ambos. Desta forma, e indo alínea por alínea, prendiam-se estas primeiras, directamente, com a audição dos ficheiros e a percepção individual de cada universitário, já que, após a audição, deviam preencher a tabela facultada. Não houve nenhuma resposta para 1.2. É curioso verificar que, para as perguntas seguintes, (**1.3- Indique o número dos ficheiros sonoros que não teve dificuldade em identificar. / 1.4- Indique o número dos ficheiros sonoros que teve dificuldade em identificar.**) houve uma grande variedade de respostas, dividindo-se estas em dois conjuntos equiparáveis: os que tiveram dificuldades e aqueles que não as sentiram. Na última linha da tabela 2, figuram os dados para os que não responderam, considerando difícil a identificação.

Houve respostas que realçaram a dificuldade em identificar a origem geográfica dos ficheiros com afirmações como “tive dificuldade em quase todos”, “tive dificuldade devido à semelhança entre eles”, “tive dificuldade porque não lido com pessoas do campo”⁷. Os que não tiveram dificuldade, na alínea 1.5 (**1.5- Explique por que razão não teve dificuldade em identificar o ficheiro.**), dão explicações como “porque o sotaque está muito parecido”, “porque é um sotaque igual ao meu”, “não tive dificuldades porque conheço alguns dos sotaques e das expressões”, “é fácil porque me é familiar”, “porque conheço muitas localidades da ilha e, por isso, não senti muita dificuldade”, “ouvi pronúncias familiares”, “é fácil pelo sotaque e a vivacidade do falante”, “não tive dificuldade devido a certas expressões”, “porque convivo diariamente com este sotaque”.

Os resultados do teste perceptivo constam da tabela 2, onde figura o número de respostas obtido. A fim de distinguir as turmas A e B, quando as respostas coincidem, foi colocada uma barra oblíqua entre elas, aparecendo os dados da turma B a negrito. No geral, as respostas estão consideravelmente dispersas, tendo apenas havido um pequeno número certo (cf. tabela 3). Os ficheiros sonoros não foram facilmente identificados. Houve muitas pessoas que não responderam. Os ficheiros 2-IF, 5-IF, 6-IF, 7-IF e 8-IF suscitaram as maiores dificuldades de identificação. Para 3-IF, foram tantos os que não responderam, como os seleccionaram Caniço.

⁷ É, ainda hoje, frequente a oposição entre o Funchal, tido como a “cidade”, e as restantes localidades da Madeira, referidas, por vezes, como o “campo”.

Localidades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Arco da Calheta			1				1	1		1	
Boaventura	1	1			1	1			3	3	
Calheta	1	2	5		1/2	2			1	3	
Camacha	1	4/2	2	1		2	2	2/1		3	1/1
Câmara de Lobos		2			1		3/1			4	1/5
Campanário		1/1	1	1/9	1/2	1	5	1	1	1	
Canical					1	1	1/3		1	1	
Caníço	1	1	4/9	1/1	2/3		2	4			
Curral das Freiras	1			1/3	1/1		1	7	4	1	4/1
Estreito					2	1	1	2	1/1	1/1	
Faial		1	2			1/1		1	1	15/1	
Funchal	14/23	1	1		1			2			1/1
Machico		2	1	4	2/2	1	1/3	1/3		2	6/7
Madalena do Mar			1				1/3	2			
Ponta do Pargo	1		1	1		1			1	1	
Ponta do Sol	1	1	3	1	2	1	1		1		1
Porto da Cruz	2	1/1		1		1	1/1	1	4		3
Porto Moniz		1		1		3		1	2/2		
Porto Santo				1		1/1		1	1/7		
Ribeira Brava		1/3	¼	7/4		1	1/1				1
Santa Cruz		5		1	3	1			1		5
Santana		1		½	6/1	3	2	1	5/1		1/1
Santo da Serra	1	1/1	1			4		4	1		
São Jorge		1					1	1	1	1	
São Vicente		1		1	1	3/1		1/2	2	1	1
Seixal	1							1		1/1	
Não respondeu	2	3/8	6/7	2/6	3/11	5/13	5/9	13	2/6	3/5	2/7

Tabela 2. Resultados da aplicação do teste perceptivo com destaque para as respostas predominantes, assinaladas a cinzento

Localidades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Arco da Calheta											
Boaventura											
Calheta											
Camacha											
Câmara de Lobos											
Campanário				10							
Canical											
Caníço											
Curral das Freiras											
Estreito											
Faial (Santana)										16	
Funchal	37				1		0	2			2
Machico			1						0		
Madalena do Mar											
Ponta do Pargo											
Ponta do Sol											
Porto da Cruz											
Porto Moniz											
Porto Santo											
Ribeira Brava						1					
Santa Cruz											
Santana		1								0	
Santo da Serra											
São Jorge											
São Vicente											
Seixal											

Tabela 3. Número de respostas do teste perceptivo válidas

Sucedeu algo semelhante para 9-IM identificado, por bastantes respostas, como sendo do Porto Santo, mas havendo quem não respondesse. Comparando os resultados do teste perceptivo (cf. tabela 2) com os que se esperaríamos, presentes na tabela 3, é claro que apenas 1-IF foi devidamente reconhecido por uma larga maioria (37 respostas) como pertencendo ao Funchal. O informante 4-IF foi identificado como proveniente do Campanário em 10 respostas e 10-IF como oriundo do Faial em 16. Para este último, também seriam consideradas válidas as respostas em Santana (cf. tabela 3). O restante número de respostas da tabela 3 foi insignificante. Muitos dos alunos que foram submetidos ao teste perceptivo sublinharam que apenas conseguiram identificar a proveniência de 1-IF. Houve também quem reconhecesse a voz de um falante por ser um conhecido seu (ficheiro 10-IF), o que não se esperaria que sucedesse e, contrariamente ao indicado, tivesse quebrado o desejado silêncio. Foi o único incidente registado por ter aplicado o teste simultaneamente. Além disso, e opondo-se à ideia generalizada, não parece mesmo nada fácil reconhecer, pelo falar, a origem dos falantes da RAM.

As perguntas seguintes prendem-se com o questionário que serve para compreender melhor a visão que os universitários têm do português falado na RAM. Quanto à segunda pergunta (**2- Será que, a nível linguístico, as localidades apresentadas têm algo de característico? Indique, sumariamente, o que considera característico de cada uma delas.**), registaram-se algumas respostas para às localidades abaixo indicadas, mas não houve nenhuma em 2.2 (**2.2- Outra. Qual?**). Apareceram citadas Boaventura, Calheta, Campanário, Caniço, Curral das Freiras, Faial, Ponta do Pargo, Ponta do Sol, Porto da Cruz, Porto Moniz, Santo da Serra, São Jorge, São Vicente e Seixal. Terão sido consideradas por terem o falar mais característico. O Funchal é a localidade mais identificada com o português padrão, apesar de esta opinião não ser unânime, pois há quem encontre marcas como o uso de diminutivos e a “troca” de “o” por “e”⁸, por exemplo, em *chourice/chouriço*. Estranhamente, e sem qualquer justificação, houve quem considerasse que, no Curral das Freiras, a pronúncia é parecida com a do Funchal. A característica mais vezes registada para diversos pontos prende-se com a pronúncia “arrastada”. Caniçal, Caniço, Porto Moniz e Porto Santo foram identificados por esta particularidade rítmica. A ditongação é um fenómeno reconhecido como típico no Arco da Calheta, em Machico e no Porto Santo. Outro fenómeno bastante assinalado é, novamente, o identificado como a “troca de “o” por “e”. É curioso constatar que as características (cf. tabela 4) frequentemente apontadas estão, em larga medida, e numa primeira análise, relacionadas com dados supra-segmentais ligados à Prosódia⁹ que, pelos vistos, serão mais perceptíveis ao ouvido: “cantam quando falam”, “não pronunciam a última sílaba”, “pronúncia arrastada”, “prolongam muito a última sílaba”, “prolongamento das vogais ao pronunciá-las”, “tendência para prolongar algumas sílabas”. O adjectivo

⁸ Relativamente a este fenómeno considerado pela maioria como uma “troca” de vogais, avanço com uma hipótese a estudar posteriormente, por considerar que poderá não haver “troca”, mas apenas uma apócope da vogal final. Parece que se ouve uma vogal, mas talvez não passe de impressão. Poderá, é uma hipótese que se coloca a título meramente teórico, não passar do prolongamento da articulação da consoante que permanece, após a apócope vocálica.

⁹ Quanto a aspectos prosódicos madeirenses, está a decorrer o meu pós-doutoramento, intitulado *Estudo da variação prosódica madeirense no âmbito do AMPER (Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico)* e inserido no Projecto AMPER-POR (ver <http://www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/index.htm>). Várias comunicações têm sido apresentadas sobre a prosódia madeirense, tendo a primeira ocorrido na Universidade de Aveiro, nas *1 Jornadas Científicas AMPER-POR* (REBELO: 2007).

“arrastado” é, sem sombra de dúvida, o mais empregue para caracterizar a pronúncia de diversas localidades.

Localidades	Algumas características apontadas e respectivos argumentos
Arco da Calheta	Ditongos
Camacha	parece que cantam quando falam
Câmara de Lobos	vogais muito abertas/ pronúncia mais acentuada/ não pronunciam a última sílaba / usam “e” em vez de “o”, como em “porco”/ diferente pelo vocabulário
Canical	pronúncia arrastada / prolongam muito a última sílaba
Canico	pronúncia arrastada
Curral das Freiras	ainda com um português muito arcaico / com uma pronúncia parecida com a do Funchal
Estreito	acentuam muito as palavras como “festa”, “rodoeste”, “vertigens” / pronúncia arrastada e com muitos ditongos / pronuncia-se “s” como “x”/ os “is” são acentuados
Funchal	português padrão/ mais próximo da língua padrão/ mais fácil porque não é tão marcado/ mais correcto/ pronúncia pouco acentuada/ repetições como “então”/ uso de diminutivos/ troca de “o” por “e” como, por exemplo, em “chouriço”
Machico	perto do português padrão / terminam algumas palavras em “e”/ mais sibilante/ usa-se “ei” em vez de “i”, como em “prometeido”, “Cristeina”
Porto Moniz	pronúncia arrastada
Porto Santo	pronúncia arrastada/ prolongamento das vogais ao pronúncia-las/ “porquê” em vez de “porquê”/ tendência para prolongar algumas sílabas/ identifica-se facilmente porque é parecida com a de Machico
Ribeira Brava	engolem algumas sílabas
Santa Cruz	as palavras terminadas com “o” acabam por “e”
Santana	pronunciam para dentro/ carregam muito no “a”

Tabela 4. Algumas características linguísticas apontadas, no questionário, para determinadas localidades

As respostas às perguntas 3 (**3- Considera possível, a nível linguístico, reagrupar todas as localidades apresentadas, incluindo as que acrescentou, em áreas maiores por haver semelhanças entre elas? Justifique.**) e 3.1 (**3.1 Se respondeu afirmativamente, quantas áreas identificaria e porquê?**) foram muito variadas. Dividiram-se, no geral, em dois conjuntos: os que não consideram possível reagrupar as localidades maiores e os que consideraram que era possível. Houve uma tendência mais acentuada para a defesa da impossibilidade e as justificações apresentadas iam, nesse sentido: “não, porque todas as localidades têm expressões e pronúncias diferentes”, “não, porque cada concelho tem a sua especificidade”, “não, porque cada uma tem as suas características”, o que vai no sentido de reconhecer cada localidade com características próprias. Do lado do sim, as justificações foram, por exemplo, as seguintes: “sim, porque parecem não ter grandes diferenças”, “sim, pela disposição geográfica”, “sim, porque há semelhanças em determinadas áreas”, “sim; aliás, são todos muito parecidos”, “sim, porque há expressões parecidas”. Em 3.1, sugeriram algumas divisórias, revelando falta de consenso e opiniões divergentes. As divisórias propostas são apresentadas, sem, porém, considerar uma que defende a fronteira dos concelhos e, segundo a qual, haveria 11 áreas. Além desta, há outra que aponta em sentido inverso, defendendo uma única zona, a da Região. Excluindo-as as duas, houve quem fosse levado a perspectivar as seguintes áreas, determinadas por orientações, aparente e exclusivamente, geográficas:

a- 2 áreas: interior/litoral; norte/sul; norte/sudeste+sudoeste

b-3 áreas: norte/centro/sul; Funchal+Canico+Santa Cruz/ Câmara de Lobos+Estreito+Campanário+Quinta Grande+Curral/ Ribeira Brava+Ponta do Sol+Calheta+Arco da Calheta

c- 4 áreas: sudeste (de Machico ao Caniçal e do Funchal a Santa Cruz)/
/Câmara de Lobos (concelho)/sudoeste (da Ribeira Brava até a Ponta do Pargo)/ norte;
norte/sul/Funchal/Santa Cruz – Machico; norte/sul/interior/litoral

d- 5 áreas: norte/sul/oeste/sudeste/Porto Santo¹⁰.

Nesta delimitação dialectal, ninguém sugeriu duas áreas: Madeira e Porto Santo. É por demais evidente que se esqueceram dela nas respostas, embora seja comum considerar que o falar da pequena ilha se evidencia, sendo facilmente reconhecível. Aliás, a maioria das propostas procurou apenas subdividir a ilha da Madeira.

Houve algumas respostas para a pergunta seguinte (**4- Há alguma zona da Madeira que conhea melhor e que seja capaz de caracterizar a nível linguístico (vocabulário específico, expressões particulares, articulações características, etc.)?**). A que reapareceu com maior frequência foi Câmara de Lobos, localidade caracterizada pelo “uso exagerado de palavrões”, por apresentar maior dificuldade na articulação das palavras (“os falantes costumam tirar letras às palavras ou acrescentar outras”), por ter vogais muito abertas e formas verbais que acabam com “-em”. O Porto Santo apareceu num considerável número de respostas, sendo, como se disse, reconhecido por ter um sotaque característico. O Paul do Mar é perspectivado por ali falarem alto e terem expressões particulares. O Funchal é reconhecido por ser onde se encontra um maior cuidado no falar. O Porto Moniz é caracterizado devido ao vocabulário específico, o Porto da Cruz pela troca de “o” por “e” e Machico porque “as palavras parece que se tornam maiores, tendo uma pronúncia particular”. É igualmente apontado São Roque, no Funchal, devido a um uso específico das formas verbais, por exemplo, usam “acabarem” em vez de “acabaram”.¹¹

Nas respostas às perguntas 5 (**5- Considera que, no Arquipélago da Madeira, se fala português com correção? Justifique o seu ponto de vista?**) e 5.1 (**5.1- Se respondeu afirmativamente à pergunta 5, indique a localidade onde se fala melhor.**), surgiu, igualmente, uma divergência. Foi maior o número dos que defenderam que, no Arquipélago da Madeira, não se fala português com correção. Foram evocados os seguintes motivos: “não, devido aos regionalismos”, “não, porque dão erros”, “não, porque acentuamos muito as palavras”, “não, porque há muitas pessoas idosas pouco interessadas na correção”, “não, porque não é português correcto, devido à falta de instrução”, “não, sobretudo, as pessoas de mais idade”, “não, porque temos os nossos particularismos”, “não, porque não colocamos bem os acentos nas palavras, ao falar”, “não, porque temos problemas com a pronúncia dos verbos”. Todavia, registaram-se algumas respostas afirmativas: “sim, porque o grau de instrução melhorou muito”, “sim, porque há mais estudantes e menos analfabetos”, “sim, sobretudo no Funchal”, “sim, apesar do sotaque próprio”. Portanto, as respostas variam segundo o perfil do estudante, visto que, apesar de haver quem reconheça um “sotaque próprio”, também há quem entenda que se fala bem. A visão do falar autóctone como negativa e distante da norma prevalece sobre a que valoriza o próprio falar.

¹⁰ Por acaso, o Porto Santo não surgiu nos ficheiros sonoros. Porém, todo o questionário girava em torno da RAM, estando, evidentemente, a pequena ilha incluída.

¹¹ Embora sejam estudantes universitários essencialmente da área das Humanidades, constata-se que as apreciações são, ou muito específicas, como é o caso das formas verbais, ou excessivamente gerais, como a observação relativa ao “tirar” e “acrescentar” letras (sons) às palavras.

À pergunta 6 (**6 - O que lhe parece mais característico no arquipélago: o vocabulário, a pronúncia, a construção das frases ou outra especificidade? Justifique.**), uma larga maioria afirmou que o mais característico é a pronúncia, seguindo-se o vocabulário e a construção sintáctica. As justificações avançadas foram, por exemplo, “porque, se alguém falar, reconhece-se logo”, “será única em Portugal¹²”, “sobressai, se a compararmos com outras”, “prolonga¹³ a voz”, “o uso excessivo do gerúndio e dos diminutivos”, “há palavras como *semilha*”, “há regionalismos”. A pronúncia de Câmara de Lobos é vista como uma das mais acentuadas e marcadas.

Depois das respostas às perguntas que iam da 2 à 6, foi dada a possibilidade de voltar a ouvir todos os ficheiros (**7- Ouça de novo os onze ficheiros sonoros.**), retomando a audição e, com ela, o teste perceptivo, mas, como, depois de cada primeira audição, se ouviram de novo, quando desejado, ninguém os quis voltar a ouvir. Para o ficheiro mais característico (**7.1- Qual lhe parece mais característico da região? Indique o número dele.**) e a tentativa de avançar uma explicação (**7.2- Tente explicar por que razão o destaca dos restantes?**), além de haver respostas que declararam que todos o são, foram apresentados os seguintes: 1-IF (porque “é a capital do Funchal”, porque “é aquele com que lido diariamente” e porque “as palavras usadas são características da zona”), 7-IF (“pelo sotaque, destaca-se dos restantes”), 9-IM (“pronúncia particular”), 10-IF (“destaca-se por ser fechado, tradicional e usar certos termos do calão”) e 11-IF (porque “espelha a pronúncia madeirense”, “o *lh* é característico”) e porque “há maior ênfase nos *ei* e *ui*”). Como característica englobante da pronúncia regional (**8- Como caracterizaria a pronúncia regional, globalmente?**), surge a substituição de “o” por “e”, a “tendência para fechar as últimas sílabas”, a “pronúncia com muitos ditongos”. A adjectivação predomina, ao procurar destacar particularidades da pronúncia: “é engraçada”, “é má, mas é nossa e temos de viver com ela”, “muito má”, “variada”, “bastante diversificada”, “carregamos muito nas vogais e utilizamos muitas vogais abertas”. Uma das observações salientadas (**9- Observações**) evidencia que houve dificuldades em identificar a origem geográfica dos falantes gravados, o que aponta para a minha ideia inicial, expressa antes de aplicar este teste, e contradiz a generalizada pelos falantes autóctones. Assim, não é evidente, nem fácil, reconhecer pelo simples falar, sem dados extra-linguísticos, a proveniência geográfica dos falantes da RAM. Ficou bem patente, na tabela 2, a divergência de opiniões.

3. Conclusão

Lindley Cintra, depois de considerar três traços para caracterizar a variedade regional madeirense, sublinhou que estes não recobririam a totalidade da Madeira, embora destacasse a palatalização de [l] precedida de [i] como, provavelmente, um dos mais gerais. Além disso, enumerou outros fenómenos que se encontrariam ou numas zonas ou noutras. Contudo, não estabeleceu áreas dialectais. Acabou por considerar o caminho próprio dos dialectos madeirenses, inovadores face aos dialectos continentais. Esta possibilidade de haver variação linguística consistente e a ideia generalizada de se identificar com facilidade um falante de determinada zona da região motivaram a aplicação de um pequeno teste perceptivo a par de um questionário sobre a visão do próprio falar a estudantes universitários.

¹² Aqui, é perspectivada sem variação.

¹³ Remete para a “pronúncia arrastada”.

Os onze ficheiros que constituem o material de base do teste podem ser, geograficamente, reagrupados em três grandes zonas que, de acordo com o que se sabe de momento, também não correspondem a áreas dialectais: Funchal (1-IF, 5-IF, 7-IF, 8-IF e 11-IF), Este do Funchal (2- IF, 3- IF, 9- IM e 10- IF) e Oeste do Funchal (4- IF e 6- IF). Todos contêm marcas que os identificam como sendo madeirenses. Sintetizam-se os resultados. Ao comparar os obtidos e os espectáveis, só três ficheiros foram os mais acertadamente identificados: 1-IF do Funchal com 37 respostas certas, 4-IF do Campanário em 10 respostas e 10-IF do Faial com 16. Além disso, no questionário, o Funchal é considerada, por bastantes estudantes, como a única localidade da região onde se fala português padrão, mas o número dos que consideram que, no Arquipélago da Madeira, não se fala português com correcção foi considerável. A pronúncia “arrastada” é tida como característica mais marcante de diversos pontos. Não será por acaso que uma larga maioria reconheceu a pronúncia como o elemento mais característico, seguindo-se o vocabulário e a construção sintáctica. São destacados dados supra-segmentais como típicos do Português falado na região. A Prosódia merecerá, como é evidente, ser estudada. Numa tentativa de identificação de áreas dialectais, embora houvesse quem considerasse tal tarefa impossível, surgiram várias propostas, todas elas com fundamentos geográficos. Assim, identificaram 2 áreas, 3 áreas, 4 áreas e 5 áreas, sem perspectivarem a dualidade Madeira/Porto Santo, que muitas vezes distinguem intuitivamente.

A convicção tida antes de aplicar este teste, e que é contrária à expressa pelos falantes autóctones, é reforçada neste trabalho. Sem elementos extra-linguísticos, e exclusivamente com o discurso, é complexo reconhecer a proveniência geográfica dos falantes da RAM. A fim de comprovar, de novo, esta perspectiva, o mesmo teste e questionário serão aplicados a outros nativos, que não sejam estudantes universitários, mas que também tenham a convicção de identificar a origem geográfica de falantes do arquipélago pelo discurso. Do confronto dos dados, poderão surgir informações pertinentes para delimitar possíveis áreas dialectais e contribuir para o aprofundamento do estudo do Português falado na Região Autónoma da Madeira.

Referências bibliográficas

- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (1995). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (2008). «Os Dialectos da Ilha da Madeira no Quadro Geral dos Dialectos Galego-Portugueses», 26/12/1990, texto manuscrito, apresentado por João David Pinto Correia, no II Congresso de Cultura Madeirense, no Funchal, e transcrito, com algumas alterações, sob o título «Os Dialectos da Ilha da Madeira no Quadro dos Dialectos Galego-Portugueses», in *Cultura Madeirense. Temas e problemas*, José Eduardo Franco (coord.). Campo das Letras, pp. 95-104.
- CRUZ, Maria Luísa Segura da e SARAMAGO, João (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) (1999). «Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais» in *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*, Isabel Hub Faria (org.), Lisboa, Edições Cosmos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 707-738.
- NUNES, Naídea Nunes (1998). «Os “dialectos madeirenses” e a História da Língua Portuguesa», in *Livro de Comunicações do Colóquio Culturas de Periferias Insulares*, Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal, Colóquio inserido na XXIV Feira do Livro e da Comunicação na cidade do Funchal, 81-89.
- REBELO, Helena (2007). «O Arquipélago da Madeira no Projecto AMPER-POR», in *Actas das I Jornadas Científicas AMPER-POR (Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico)*, Lurdes de Castro Moutinho e Rosa Lídia Coimbra (org.), Aveiro, Univer-

sidade de Aveiro, Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, FCT, pp. 39-54.

_____. (2005). *O Falar do Porto Santo. Contribuição para o Estudo do Vocalismo e Algumas Considerações sobre o Consonantismo*, tese de doutoramento inédita, apresentada à Universidade da Madeira.

_____. (2005-2006). «A Caminho do Brasil: a Madeira. Situação Actual da Língua Portuguesa na Ilha da Madeira», in *Xarabanda Revista*, nº 16, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, pp. 64-73. Texto apresentado no Congresso Internacional intitulado 500 Anos de Língua Portuguesa no Brasil, realizado na Universidade de Évora, de 8 a 13 de Maio de 2000.